

A prática do Ensino de História: o uso de projetos para produção do conhecimento histórico

Herinaldo Oliveira Alves (UFMG/IFMG) *

“ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção”

Paulo Freire. *Pedagogia da Autonomia*.

1 – Introdução:

Neste artigo, viso refletir sobre minha prática pedagógica nos últimos cinco anos. No entanto, limitarei minhas análises, de maneira mais precisa, a um projeto específico, desenvolvido em 2011, o livro *Roteiro Histórico de Diamantina*. Este projeto foi desenvolvido no Colégio Nossa Senhora da Piedade, Congonhas, onde trabalhava na época. Após dois anos de visitas técnicas à cidade de Diamantina, ousamos modificar o resultado final da visita, não apenas com relatórios ou apresentações dos resultados na atividade Cultural do Colégio, mas organizar todo o trabalho dos alunos em livro. Inicialmente, uma empolgação por parte dos discentes, pois seriam jovens escritores, por outro, o medo, do desconhecido. A estes que aceitaram o desafio, e alcançaram o patamar de jovens escritores, dedico esta breve reflexão sobre o processo educativo.

Nesta prática, alçamos mão, no processo ensino aprendizagem, de uma metodologia que levassem os alunos não a uma memorização de fatos, datas, lugares, o que não conduziria a resultados esperados, mas sim, como aponta Paulo Freire, a “criar as possibilidades [do conhecimento] para a sua própria produção ou a sua construção” por parte do aluno. Esta proposta tende a responder a estes desafios: como ensinar e aprender história, sem reproduzir um discurso ingênuo de uma história oficial pautada nos heróis, nos mitos, ou em um ensino orientado numa memorização desnecessária de lugares e dados? Como levar os alunos a terem maturidade de pensamento, autonomia na construção do saber? Isso também leva a uma resposta às exigências

nacionais no que tange à prática do ensino onde o “exercício do conhecimento autônomo e crítico, valorização de si mesmo como sujeito responsável pela construção da história (...) além de soluções possíveis para problemas detectados na comunidade” deve ser despertado no aluno¹.

Esse processo consiste em um trabalho de reconstrução do conhecimento – isto é, de construir em sala de aula, e por que não, fora dela, o que já está construído nos livros, ou seja, uma reconstrução do saber, pelo aluno, a partir dos vestígios, das fontes, do seu olhar, com técnicas modernas de manifestação da linguagem, a valorização dos distintos espaços de produção de saber (dentro e fora da escola) mediante o emprego de linguagens diferenciadas.

A proposta é um *ensino por projetos* devido ao destaque que esta metodologia oferece à prática investigativa, pautada na formulação de problemáticas, na interpretação das fontes, na elaboração de hipóteses, na narrativização dos resultados, na socialização do saber. Neste processo, o *Ensino* é visto como um laboratório, onde o conhecimento não é dado, mas construído. Este tipo de prática permite uma “reconfiguração do processo educativo como uma prática de indagação e de criação e, mais ainda, como *um ato de resistência* frente a uma concepção meramente informativa (ainda que conceitualmente embasada) de ensino”².

O ensino por projetos exige uma dedicação maior dos alunos, além de desenvolver uma capacidade de interpretação e argumentação mais elevada, pois os mesmos são convidados a apresentarem, muitas vezes de forma ousada, soluções à problemas que aparentemente são confusos e indecifráveis. Isto permitirá, também, uma significação da experiência social com base na historicização das memórias e das identidades, tendo como eixos temáticos perpendiculares as forças entre sujeitos, sentidos e poderes.

2 – Da prática do ensino de história

Nestes quase cinco anos que atuo como professor do Ensino Médio (meu ingresso na docência ocorreu, no ensino Médio, no ano de 2009), optei

por empregar uma metodologia diferente para a prática do ensino de história para este segmento. Durante alguns momentos do ano letivo, utilizo a proposta de um *ensino por projetos*, método desafiador que fomenta a necessidade de uma interação maior entre os discentes e o professor. Essa metodologia proporciona ao aluno uma ação mais ativa, conferindo uma prática investigativa, levantando problemas, hipóteses, tendo, o estudante, contato com fontes diversificadas, sejam imagéticas ou escritas. Isso atende às exigências do Governo Federal como bem elucidam os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Em 2009, em atividade multidisciplinar com o professor de biologia, Evandro Diniz, juntamente com a turma da segunda série do Ensino Médio, fomos conduzidos a uma reflexão sobre a questão do patrimônio, especialmente o ambiental e o histórico. O resultado foi um vídeo educativo produzido pelos discentes. Outro projeto foi o *info gráfico*, trabalho com conteúdo histórico a partir de imagens produzidas por eles, acrescidas de pequenos textos. Nos dois últimos anos outros projetos foram aplicados, como, por exemplo, uma oficina de história com uso de fontes manuscritas e imagéticas para abordar o eixo temático escravidão. Há três anos este projeto tem despertado nos alunos um interesse muito grande, algo que me surpreende. O empenho em decodificar os documentos manuscritos do século XIX, apresentados em cópias fotografadas, bem como a agudez em conseguir interpretá-los, uni-los com outras fontes, surpreende-me. Alimenta minha convicção de que o direito à Fonte de Pesquisa e o de saber como este conhecimento é produzido não podem ser negados aos alunos. No ano de 2012, os alunos prepararam a Primeira Mostra de Cinema do CNSP, com a apresentação de curtas produzidos por eles sobre Diamantina.

No entanto, desenvolverei aqui uma reflexão mais pontual sobre um projeto desenvolvido com as turmas da primeira Série do Ensino Médio em 2011. O conteúdo programático desta série, a partir do livro adotado, enfatiza o período Moderno, iniciando o material com a crise do Feudalismo e destacando a questão da modernidade a partir do século XVI. Com isso, uma ênfase é

dada a Expansão Marítima e os processos de ocupação e exploração das terras encontradas. No caso da América Portuguesa, inúmeras políticas foram desenvolvidas para manter o domínio de vastas regiões, levando a Coroa Portuguesa a tomar medidas, sejam econômicas ou burocráticas, para extrair maior quantidade de riquezas. Este é um dos conteúdos que os alunos da primeira série do Ensino Médio deparam na vida acadêmica. Enquanto professor e orientador das turmas, tendo pensar uma prática pedagógica que os façam conhecer não apenas o evento histórico, mas também a sociedade que se formou no Brasil até o século XVIII, especialmente na região mineradora como também a sociedade em que estão inseridos, o mundo que os cercam, tão multifacetada.

Este foi um dos desafios que levaram a me debruçar sobre a prática do ensino de história e colocar à minha frente questionamentos sobre quais seriam os instrumentos a utilizar, na prática ensino-aprendizagem, que viessem responder a estes desafios. Como ensinar e aprender história, especialmente sobre América Portuguesa, sem reproduzir um discurso ingênuo de uma história oficial pautada nos heróis, nos mitos, numa tentativa de eternizar as cidades coloniais? Como um passado distante, abstrato, que foge ao nosso modo de ser, com sua forma particular de existir, pensar, pode ser conhecido? De fato, a prática educativa nos coloca, todos os dias, estas e outras questões: como envolver os alunos e fazê-los sentir como partes na construção do saber? Que metodologias utilizar? Eis um desafio que não é só meu, mas de todos os que se arriscam nesta difícil arte de educar.

3 – Possíveis Metodologias de ensino

Opto, em alguns momentos, por um ensino com projetos onde a prática educativa, especialmente no ensino de História, é vista como um laboratório, aos quais o conhecimento não é dado, mas produzido. Isto leva à alguma resistência por parte de alguns jovens que preferem as coisas mais cômodas, sem muito esforço, como o famoso copia e cola dos sites de buscas. Não devemos desprezar essas ferramentas que, se bem utilizadas podem gerar aprendizagem e descoberta. O ensino por projetos exige uma dedicação maior

dos alunos, além de desenvolver uma capacidade de interpretação e argumentação mais criativa, pois eles são convidados a apresentarem, muitas vezes de forma ousada, soluções para problemas que aparentemente são confusos e indecifráveis.

Esse foi um dos motivos da necessidade de diversos encontros nos projetos. Se todas as informações fossem passadas de uma única vez, o choque poderia provocar uma resistência maior ou mesmo desistência. Por isso, a cada encontro, um tema era selecionado pelo professor para ser trabalhado, solicitando-se aos grupos que melhorassem aquele aspecto para, na próxima reunião, trazerem corrigido. Assim, passo a passo, com pequenos textos adicionais, solicitando leituras paralelas, reescritas, apontando novos problemas, despertando a curiosidade e estimulando a reflexão, os alunos foram reelaborando os trabalhos. Um destes trabalhos teve como marco a visita técnica orientada à cidade de Diamantina e o resultado foi apresentado à comunidade acadêmica e aos familiares em um livro editado em parceria com alunos e escola. As ideias deveriam nascer aos poucos, como aponta-nos Sócrates, no exercício da maiêutica. Isso levaria os alunos a terem maior clareza nas informações para poderem processá-las, deixando com mais inteligibilidade os textos, trabalhando a melhor forma para usarem as fontes, sejam documentos escritos ou imagéticos, tudo discutido nos encontros durante as tardes das segundas e terças feiras.

Nestes encontros, aconteciam verdadeiras oficinas da produção do saber, onde os trabalhos eram orientados, corrigidos e sugestões de leituras eram oferecidas. As atividades se iniciaram antes da visita técnica à Diamantina, e de maneira mais acentuada depois, quando os grupos apresentaram diversas versões, culminando com os capítulos que foram escrito por eles. Nesta atividade especificamente, as pesquisas para a visita técnica iniciaram em março. A mesma ocorreu em junho e as inúmeras revisões nos textos só foram concluídas em fins do mês de agosto quando foram enviadas para a gráfica. Em outubro foi o lançamento dos livros, em que os alunos assinam a autoria dos capítulos.

Tínhamos um objetivo: desenvolver um projeto de história que possibilitasse um conhecimento mais amplo do período Colonial, em especial, culminando com a Atividade Cultural do Colégio, momento em que os alunos apresentariam o resultado das atividades. Desta forma, o ensino de história aplicado neste período, optou por práticas pedagógicas voltadas a auxiliá-los na aquisição de habilidades e competências que levassem os alunos a uma interpretação histórica mais refinada, contribuindo para uma interpretação do mundo presente com uma visão mais crítica. Um historiador Francês chamado Marc Bloch, preso durante a Segunda Guerra mundial e posteriormente morto nos campos de concentração nazista, no livro *O Ofício do Historiador* (na versão brasileira também publicada como *Apologia da História*) deixa claros os objetivos de nosso trabalho: “*em uma palavra, em suma, domina e ilumina os nossos estudos: compreender*”³. É a busca pela compreensão dos diferentes tempos que nos impulsiona a trilhar novos caminhos para entender uma sociedade distante de nós, com sua cultura própria, sua mentalidade e sua lógica.

Ter a noção de que estamos em um mundo marcado por inúmeros conflitos é parte inicial deste processo. É a partir do hoje, dos questionamentos do tempo presente, da vida presente, que caminhamos em direção ao conhecimento do passado. Tentar fazer com que os discentes percebam as dinâmicas sociais, algumas delas nos conflitos de uso e ocupação dos espaços, ou as mutações de uma época em outras, levam a pensar e tentar compreender o tempo presente.

No caso apresentado neste artigo, o livro editado pelos alunos oferece uma sequência apropriada a um roteiro turístico sem perder de vista o conteúdo da série e a realidade e que estão inseridos. Iniciamos nossas discussões com dados que apresentam a atual cidade de Diamantina seguida de uma visão mais histórica do surgimento do Arraial. Neste momento, uma série de questionamentos são, intencionalmente, compartilhados. Fontes documentais são trabalhadas pelos alunos e algumas delas anexadas ao corpo

do texto, levando o leitor a fazer parte desse processo de construção do conhecimento.

Em 2010, realizou-se a Feira Cultural no Colégio Nossa Senhora da Piedade, momento em que os alunos e visitantes escolheram, através de uma votação, o Mercado Antigo como a imagem de Diamantina. Talvez este símbolo tenha sido escolhido por agregar os diversos segmentos sociais indiferente de sua denominação religiosa, grupo ou etnia. O Mercado Antigo é apresentado como um ícone de Diamantina, representando a união e a diversidade.

Os monumentos religiosos também foram objetos de análise, articulando com o conteúdo dos alunos, seja no que concerne a arte ou mesmo a sociedade colonial. A igreja do Carmo abre os monumentos religiosos e inúmeros aspectos são desenvolvidos neste texto, especialmente no que concerne à arte denominada de barroca. Este conteúdo é debatido em sala de aula em um dos capítulos do livro, especialmente os conceitos envolvendo o Renascimento e Barroco Europeu articulando com capítulos subsequentes que retomam à questão da arte na América Portuguesa. Durante a visita técnica, temos a oportunidade de compreender melhor este conteúdo analisando algumas obras. Outros dois monumentos religiosos são apresentados: a igreja do Rosário e a de São Francisco. O intuito é analisarmos como a sociedade setecentista se organizava. Estas duas agremiações religiosas nos permitem isso. Enquanto a Irmandade leiga do Rosário agremiava um segmento negro, escravo ou forro da sociedade, a Ordem Terceira do Carmo podemos observar, em sua maioria, uma composição de homens brancos e ricos. O professor Caio César Boschi (1986), em seus estudos sobre as Irmandades Mineiras, mostra como estes segmentos tornam-se “termômetros” dos grupos sociais que existiram naquela época. Em torno dessas agremiações, não apenas questões religiosas podem ser apresentadas, mas a própria sociedade Colonial com seus conflitos.

A visita técnica à Diamantina permitiu aos alunos terem contato com o ambiente: os becos, vielas, as janelas com suas entreliças, prédios que saltam

da condição de lugares intocáveis para lugares de memória e construção do saber. Monumentos civis também foram colocados na lista de lugares a serem visitados e re-descobertos. A casa da Chica da Silva e o Memorial JK foram os outros dois monumentos acrescentados na lista.

Na casa de Chica da Silva, os alunos não trabalharam apenas a questão biográfica ou arquitetônica, pois o sobrado possui seu valor. Foi solicitada uma leitura mais pertinente em relação a questão do gênero e à presença da mulher no período da Colônia. Além disso, o trabalho com versões, como bem elucidam os PCNs, pode ser elaborado neste item. A diversas versões, desde a que fora concebida no século XIX a partir da obra do Dr. Joaquim Felício dos Santos (1864)⁴ onde apresenta Chica da Silva como uma mulher libertina ou produção cinematográfica com o filme de Cacá Diegues “Chica da Silva” (1976), onde a mesma é vista como mulher sensual e atraente. Recentemente, a pesquisadora Júnia Ferreira Furtado revisitou o tema apresentando o livro *Chica da Silva e o contratador de Diamantes*⁵, distinguindo a personagem histórica das facetas criadas para esta mulher no decorrer do tempo. Este trabalho leva a perceber a presença das mulheres, especialmente forras, como a Chica da Silva, na capitania das Minas e sua importância no cenário das Minas, além das relações sociais no século XVIII. As leituras que foram feitas sobre Chica da Silva, também podem ser observadas como um olhar da sociedade sobre ela mesma. No caso da obra de Joaquim Felício dos Santos, uma sociedade ainda escravocrata, e a do filme, um período de contra cultura, ou mesmo uma geração “Woodstock” em busca da liberdade. O livro de Júnia Ferreira Furtado leva a interpretar o papel de Chica da Silva no cenário urbano do antigo Arraial do Tijuco.

Saímos deste cenário colonial, com seus agentes históricos, para adentrarmos em outro ponto, já no período Republicano, que é marcado por Juscelino Kubitschek de Oliveira, natural de Diamantina. Um desafio se nos impõe desde o início, especialmente no que tange ao corte cronológico, pois foge ao espaço temporal recortado como da temática principal proposta para esta série (América Portuguesa). Neste caso, como insistem os Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCNs), questões como patrimônio, memória, temas transversais devem ser utilizados, possibilitando, desta forma, sanar este problema. Se patrimônio deve ser visto não apenas como algo do passado, estático, mas sim, como objetos que possibilitem identificação de uma dada comunidade, o memorial JK é lugar preferencial para isso, uma vez que a comunidade diamantinense tem uma relação de pertença e reconhecimento neste lugar. Nos documentos do Ministério da Educação, percebe-se, no conteúdo de história, que a questão da memória tornou-se importante na relação do sujeito com o objeto estudado. Para os PCNs, “o direito à memória faz parte da cidadania cultural e revela a necessidade de debates sobre o conceito de preservação das obras humanas. A constituição do Patrimônio Cultural e sua importância para a formação de uma memória social e nacional sem exclusões e discriminações é uma abordagem necessária a ser realizada com os educandos, situando-os nos ‘lugares de memória’”⁶. Essas ideias que não seguem uma sequência cronológica, mas sim temáticas, possibilitará ao aluno um resultado mais rico, levando a uma reflexão sobre determinados temas.

Um dos elementos inovadores e desafiadores deste projeto, acredito, é colocar os alunos como autores de uma obra tenta articular o conteúdo da sala de aula com pesquisas desenvolvidas por eles no decorrer dos semestres. Mesmo cursando o Ensino Médio, estes jovens aceitaram tal desafio. Esta proposta se deve, entre outras coisas, à valorização dos alunos como sujeitos e co-responsáveis pela aquisição do conhecimento. Essa prática de escrita, acompanhando os discentes de perto, fazendo uma leitura atenta e crítica, solicitando diversas emendas, reescritas e reformulações, apontando uma bibliografia e textos pertinentes, num espaço aberto ao diálogo, provocou um crescimento muito grande em todos os envolvidos na prática de escrita, pesquisa e produção de conhecimento.

Desta forma, a relação com o ensino vivenciado na escola os levará ao aprimoramento de atitudes e valores imprescindíveis ao exercício pleno da cidadania, como “exercício do conhecimento autônomo e crítico, valorização de

si mesmo como sujeito responsável pela construção da história (...) além de soluções possíveis para problemas detectados na comunidade”⁷.

4 – Considerações finais

Afinal, esse tipo de atividade produziu os efeitos e resultados esperados? Será que esta prática educativa possibilitou ou não um aprimoramento das práticas educativas e da vida desses jovens? Valeu a pena? Indiscutivelmente este trabalho propiciou aos alunos a descoberta de seu potencial, a necessidade de dedicação, de se ter objetivos claros e acima de tudo compromisso. Houve momentos em que o desânimo parecia cair sobre os ombros de alguns. As intermináveis correções a cada encontro levaram a questionamentos de alguns alunos sobre o que de fato estaria correto. Muito mais do que o simples jargão de certo ou errado, tipologias estas que não explicariam o intuito e o motivo deste trabalho, o mais sublime foi mostrar o quanto eles eram capazes. Pode-se dizer que estão aptos não apenas a buscar, mas em produzir conhecimento, a serem autônomos, a terem visão crítica sobre as diversas informações que lhes são passadas. O conhecimento se produz numa contínua abertura à mudança e, sobretudo, num respeito mútuo e na busca.

Este trabalho só foi possível graças ao empenho de diversas pessoas além dos alunos. Por muitas vezes as intervenções da direção e da área pedagógica foram necessárias não apenas para amenizar conflitos, mas para valorizar e incentivar os alunos a cumprirem o que haviam se proposto inicialmente. Por minha vez, se não tivesse aceitado este desafio, como cogitado certa vez, teria falhado como educador. O incentivo e a ajuda da Diretora, Irmã Nazaré Maria Aparecida Souza, da coordenadora pedagógica Celeste Maria Cordeiro, por inúmeras vezes, com os alunos e com o professor, foram decisivas. Além disso, em alguns casos, o apoio dos pais se fez necessário, e eles, solícitos e cientes de que a idade da juventude traz desafios que nos levam a nos posicionar de maneira diferente, foram pontos fundamentais neste processo. Falo de um trabalho de equipe com direção, coordenação, com outros colegas de trabalho e as famílias. Além da ajuda da

direção e coordenação, não poderia deixar de registrar o apoio vindo do laboratório de informática, e aqui, de maneira pontual, com a ajuda de Márcia Martins Seabra e as valiosas sugestões gramaticais feitas pelo professor José Sérgio Fernandes que, por inúmeras vezes, leu os originais apontando as melhoras que se faziam necessárias⁸.

Valeu a pena? Sim, valeu a pena! Como professor e orientador das atividades, o maior resultado não é esta materialização do esforço, que no caso analisado foi o livro *Roteiro Histórico de Diamantina*, que tem sua importância ímpar, mas sim a aprendizagem em relação aos métodos de estudo, de pesquisas desenvolvidas durante as atividades, que indiscutivelmente os alunos levarão para a vida. A parturição das idéias, como afirma o filósofo Sócrates, leva a dor e muitas vezes ao sofrimento. É necessário sair do “mundinho” das sombras dentro da(s) caverna(s) de nossa existência e buscar a luz. Este choque com a luz do conhecimento provoca ofuscamento e medo. No entanto, possibilita uma visão de sociedade e de mundo mais ampla. Este ritual de passagem, de retirar as arestas, de esculpir personalidade, de terem auto confiança, é um processo lento, mas que deve ser começado e isso já foi feito.

5 – Notas

* Herinaldo Oliveira Alves é mestrando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor substituto do Instituto Federal de Minas Gerais, Congonhas. Agradeço, aqui, as sugestões feitas pela minha orientadora a professora Dra. Adalgisa Arantes Campos e pelas preciosas orientações fornecidas.

1 – ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO ENSINO MÉDIO. Brasília: Ministério da Educação, 2004. p. 298. Volume 03: Ciências Humanas e suas Tecnologias;

2 – BUARQUE, Virgínia A. Castro. Ensino de história e identidades locais através da produção de curta-metragens. In.: *Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História* 18, 19 e 20 de abril de 2011– Florianópolis/SC *grifo nosso*

3 – BLOCH, Marc – *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 128.

4 – A obra utilizada com os alunos foi: Cf.: SANTOS, Dr. Joaquim Felício dos. *Ditricto Diamantino – da comarca do Serro Frio (Província de Minas Geraes)*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1924.

5 – Cf.: FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva – e o contratador dos Diamantes (o outro lado do mito)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

6 - ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO ENSINO MÉDIO. Brasília: Ministério da Educação, 2004. p. 290. Volume 03: Ciências Humanas e suas Tecnologias.

7 - ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO ENSINO MÉDIO. Brasília: Ministério da Educação, 2004. p. 298. Volume 03: Ciências Humanas e suas Tecnologias.

8 – meu agradecimento se estende àquelas pessoas que nos receberam em Diamantina, especialmente Adriana Silva (que sempre se prontificou em nos auxiliar no que fosse necessário, oferecendo informações mais atualizadas sobre horários, telefones de contato, agilizando alguns procedimentos como também acompanhando a turma, quando possível, na igreja do Rosário) e a senhora Angélica A. Araújo que nos acolheu de maneira muito amável durante as visitas técnicas. Agradeço, também, as sugestões da professora Virginia Albuquerque de Castro Buarque (UFOP) pelas inúmeras sugestões nos projetos apresentado para o Colégio.

6 – BIBLIOGRAFIA:

BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002 (O mesmo livro foi traduzido em outras edições com o título de: Introdução à História).

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.

BOURDIEU, Pierre. “Sobre o poder simbólico”. In : *O poder simbólico*. Lisboa : DIFEL, 1989.

BUARQUE, Virgínia A. Castro. Ensino de história e identidades locais através da produção de curta-metragens. In.: *Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História* 18, 19 e 20 de abril de 2011– Florianópolis/SC.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva – e o contratador dos Diamantes (o outro lado do mito)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

LE GOFF, Jacques – “História”; “Memória” e “Documento / Monumento” In: Enciclopédia Einaudi Memória-História, Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1990.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO ENSINO MÉDIO. Brasília: Ministério da Educação, 2004. Volume 03: Ciências Humanas e suas Tecnologias

SANTOS, Dr. Joaquim Felício dos. *Ditricto Diamantino – da comarca do Serro Frio (Província de Minas Geraes)*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1924.

THIMÓTHEO, Juam Carlos. O olhar sobre imagem: aspectos historiográficos e teóricos sobre o cinema. In.: BUARQUE, Virgínia (org.). *Curtas em Mariana e Ouro Preto: reconstituindo identidades através do ensino de história*. Ouro Preto: editora UFOP, 2010.